

## **Evelyn Underhill – A mulher e a mística na perspectiva do acolher e servir**

Vera Lucia Simões de Oliveira

### ***Infância e Juventude***

Evelyn nasceu na Inglaterra, no ano de 1875. Seus amigos costumavam dizer que ela era muito reservada, no que se refere ao seu período de infância. Parece que seus pais tinham uma vida mais voltada para o casal e a menina, filha única, era relegada a um papel secundário na família, situação não incomum na Inglaterra vitoriana, em lares abastados. Seu pai, Sir Arthur Underhill, no entanto, parece ter percebido as potencialidades intelectuais de sua filha. Ele era um brilhante advogado que, na época do nascimento da menina, filha única, mudou-se com a família de Wolverhampton para Londres. (Talvez essa mudança tenha ocorrido por desejo de elevação de status social, ao sair-se de uma cidade pequena e ir morar na Londres cosmopolita da época, centro do Império Britânico, onde vivia a corte e onde recepções faustosas se sucediam). Ele e sua esposa gostavam de velejar, tinha um pequeno iate, conduzido por marinheiros, e foram os iniciadores da pequena Evelyn neste hábito familiar. No entanto, parece que a menina não fazia boa figura neste quadro familiar de velejadores e ela cedo foi enviada para uma escola, onde ficou até os 16 anos. Apesar disso, segundo afirmava, sua família era afetuosa e lhe dava uma sensação de segurança.

Antes de deixar a escola, ela escreveu uma carta à sua mãe onde falava sobre como o ideal de uma mulher e esposa deveria ser, e segundo Evelyn, esse ideal era inspirado em sua mãe. Sua vida de estudante foi marcada pela seriedade e dedicação e, ao voltar para a casa, depois de cursar uma escola para meninas de posição social elevada, estava habilitada a enfrentar o que se esperava de uma jovem no fim da era vitoriana: tinha elevado senso artístico, suas disciplinas favoritas eram ligadas à área de Humanidades e Línguas e o interesse místico já começava a se insinuar nela. Além disso, sabia dirigir uma casa, onde se ordena aos criados o dia-a-dia de uma família bem postada, financeiramente. Escrevia bem e mantinha o hábito constante de escrever cartas, o que muito lhe valeu, mais tarde, em sua experiência religiosa. Seus pais eram nominalmente anglicanos, e essa indiferença religiosa dos mesmos começa a formar na jovem uma inquietação a respeito de seu futuro de fé, apesar de que um de seus tios era sacerdote anglicano. Na verdade, seu pai era um Deísta convicto, apesar do irmão sacerdote, e isso, de início, influenciou profundamente a Evelyn em sua vida espiritual. Apesar disto, ela havia sido batizada e confirmada na Igreja Anglicana e se preparara muito para

a sua Confirmação, o que demonstra, pelo menos, o seu nível de responsabilidade.

No último dia em que estive na escola escrevi uma carta a sua amiga Lucie Menzies dizendo, entre outras coisas que:

"... Meu ideal de um homem é o de que ele possa ser verdadeiro, forte, intelectual, e com consideração; não um aderente a algum partido extremista, mas sempre pronto a ajudar os pobres e os oprimidos. Não importa se ele não é bonito, ou se é tímido ou brusco, pois estas são coisas supérfluas. Eu nunca vi um homem que atendesse a meu ideal. Na vida real, eu admiro muito a Maomé, porque ele era sincero, Giordano Bruno, porque ele era forte e verdadeiro, e Jesus Cristo, por sua ética. Ele era perfeito e sempre pensava nos fracos, em primeiro lugar.

Na ficção, eu admiro o Satanás de Milton, por sua fortaleza, o Rei Artur, de Tennyson, por sua bondade, e o Romeu, de Shakespeare, por seu charme pessoal.

... Eu não acredito em preocupar a Deus com orações por coisas que desejamos. Se Ele é Onipotente, Ele sabe o que desejamos. D'Ele, e se Ele não o é, não nos pode conceder o que desejamos. Eu penso que é um insulto a Deus repetir as mesmas orações todos os dias. Isso seria o mesmo que dizer de Deus que Ele é surdo, ou de pouca compreensão.

Eu não acredito que a Bíblia tenha sido inspirada, mas penso, sempre, que ela é um dos melhores e mais sábios livros que o mundo jamais conheceu." (Cropper, Margaret – Evelyn Underhill, pág.5)

Por este pequeno texto de uma carta escrita a uma outra jovem como ela, uma adolescente, podemos perceber o nível intelectual das meninas em pauta, mas, ao mesmo tempo, um pouco de ingenuidade, fé, descrença e, acima de tudo impertinência, no que se refere ao que pensamos nós, cristãos e cristãs, sobre Deus e a Bíblia. Mas também consideramos a coragem de sua sinceridade e o nível de reflexão que preocupava a uma jovem de quinze para dezesseis anos. Certamente, seus pensamentos não eram frívolos e superficiais.

Na fase dos quinze anos, Evelyn, contrariando seus pontos de vista (já que afirmara na carta à amiga que não se devia cansar a Deus com orações) orava diariamente por dois jovens irmãos: Jeff e Hubert Stuart Moore, seus vizinhos recentes. A mãe dos dois jovens já havia falecido e a Sra. Underhill os

tomara sob sua proteção. Começou assim o contato de Evelyn com seu futuro marido, pouco mais velho do que ela. O pai dos mesmos também era advogado, caminho seguido por Hubert, mas talvez por precisar abrir espaço na vida, os dois se casaram quando a noiva já tinha 32 anos, o que não era usual na época. Ele foi seu primeiro e único namorado e entre outras coisas, compartilhava com ela seu intenso amor pela natureza. No entanto, Hubert era anglicano convicto e isto dificultou bastante a relação inicial dos dois, pois Evelyn, quando se sentiu verdadeiramente cristã, pensou em aderir ao Catolicismo Romano, o que desgostava a Hubert, que não desejava ter uma esposa de uma confissão diferente da sua.

A jovem, sempre inquieta intelectualmente, manteve uma conexão de estudos com o King's College, de Londres, a qual continuaria por sua vida inteira. Inicialmente, ela estudou Botânica e Línguas; depois, estimulada por seu pai, Filosofia e Ciências Sociais. Logo depois, ou ao mesmo tempo, desperta para começar a escrever, inicialmente para revistas femininas. Nessa época, desenvolve profissionalmente suas habilidades manuais como encadernadora de livros. Depois, ela começou a desenhar, e tudo o que fazia era bem feito e com compenetração. Na arte de encadernar, encontra uma grande afinidade com Hubert, que gostava de esculpir. Assim, os dois desenvolveram atividades manuais, trabalhando em conjunto, muitas vezes, com grande alegria – ela encadernava, enquanto ele esculpia, num velho galpão da casa de Evelyn.

Mas o trabalho manual não a fazia esquecer os estudos. Estimulada pelo pai, ela leu Dante, Plotino e, nesta época, afirmava que não tinha mais nenhum interesse religioso. (O Deísmo com o que se pai simpatizava, dizia, entre outras afirmações, que Deus existe porque é parte da criação da mentalidade humana. Na verdade, este Deus, fruto da liberdade religiosa do homem, numa religião natural, não tinha poderes divinais, nem tinha sido responsável pela Criação. De Jesus Cristo e do Espírito Santo, nem se cogitava. Evelyn, que tinha muita afinidade intelectual com o Pai, sofria discreta influência desse tipo de reflexão. Daí o conceito de Deus, indicando uma certa dúvida, que citamos de sua carta à amiga Lucy Menzies).

Em 1898, ela foi, no iate da família, com os pais, para a Suíça e a Itália, em férias. E foi aí que ela “descobriu” a Itália e todo o seu potencial artístico e, principalmente, religioso. Sobre este país, ela escreveu: “Itália, a terra santa da Europa, o único lugar que permanece, eu suponho, como realmente medicinal para a alma... Há um tipo especial de pessoa que precisa ir até lá para encontrar-se a si mesmo”. (Cropper, Margaret, pág.13.) Essa afirmativa mostra a mudança espiritual que estava começando a se processar nela: deixa de acreditar num Deus imaginado, e se volta para o Deus único. Só que ela entendia essa unicidade, inicialmente, como só existindo o Deus Pai. A Trindade não era, ainda, fruto de suas preocupações.

Tempos depois, sem a companhia da família, ela vai sozinha a Florença. Visitando igrejas e galerias, sua alma sedenta de fé encontra conforto e devoção, nas imagens pintadas ou esculpidas com beleza e amor. Era um tempo de sementeira para ela. Numa carta a Hubert, ela afirma, entre outras coisas, que essas visitas em que não sentia o tempo passar, ao olhar as obras de arte, eram de caráter espiritual para ela, e que sua alma estava, inconscientemente, aprendendo muito sobre coisas profundas da vida. E a sua preocupação, no momento, estava no que era distante e indistinto, o Além. E ao pensar no Além, ela não estava preocupada com Dogmas ou Instituições, só com o que viria depois, o supremo encontro com Deus.

É nessa etapa que ela descobre os místicos medievais. E também busca saber mais sobre o oculto. Começa a selecionar, então, entre seus amigos, os que tinham preocupações semelhantes, entre eles, seu futuro cunhado e sua esposa. Formou um círculo de amizades, que se encontrava para discutir estes temas. O próprio Hubert, não afeito a esses assuntos, mediante acervo do Museu Britânico sobre a Virgem, municiou-a com material sobre o misticismo contemplativo. Talvez a influência dos seus cunhados, romanos e não anglicanos, suas visitas à Itália e sua contemplação de obras místicas, e sua preocupação com o Depois, ou Além, tenha despertado com mais força o interesse de Evelyn na Igreja Romana. Como muitos dos seus amigos mais religiosos eram romanos, ela passa a aceitar a idéia de que a Igreja Anglicana era como todas as igrejas protestantes; carente de alegria, pois a alma só se sentiria feliz em seu encontro com Deus, na devoção católica-romana.

Suas viagens à Itália continuavam e muitas vezes Evelyn as fazia acompanhada de sua mãe. Ela ainda estava na década dos 20 anos, e continuava solteira, por isso, utilizando os recursos financeiros da família, viajava, principalmente à Itália, onde encontrava conforto espiritual.

Em 1904, ela começou a fazer parte de um grupo chamado “Sociedade dos Pesquisadores da Alma”, onde aconteciam experiências de ocultismo. Mas logo se desvincula do grupo, por não se sentir confortável nesse meio. É nessa época em que escreve o livro “O Mundo Cinzento”, no qual relata desventuras de uma jovem que vem a falecer e de sua peregrinação no Além. Este livro alcança sucesso de vendas. Na medida em que continua a escrever, às vezes utiliza-se de pseudônimo masculino, “John Cordelier”, pois, na época, era no mínimo estranho, senão um escândalo, uma jovem mulher escrever sobre temas não comuns. Mas Evelyn começava a ser procurada por editores, pois seus livros eram sempre sucesso. Um detalhe interessante sobre a jovem escritora é que ela amava os gatos e gostava de tê-los entre seus personagens.

Depois de “O mundo Cinzento” ela escreve mais dois livros, entre eles, “A Coluna de Poeira” que, entre outras coisas, marca o período de confusão

espiritual pelo qual a autora estava passando. Mais tarde, ela abandona esse misticismo confuso, e escreve uma obra chamada “Os Milagres da Virgem Maria”, na qual demonstra o seu misticismo de então, livro este que, novamente, faz um enorme sucesso entre leitores/as. Evelyn tinha o dom de tocar a almas das pessoas, não importando o tema que abordava. Prova do alcance de Evelyn, foi o depoimento que fez dela uma amiga recente, Mrs. Belloc Lowndes, ao escrever:

Com uma agradável maneira de ser, ela permaneceu profundamente nas memórias de minha juventude. Ela era gentil, silenciosa e despretensiosa; seu nome era Evelyn Underhill, e quando a vi pela primeira vez, ela havia acabado de escrever o Livro “O Mundo Cinzento”, logo seguido pelo “A Coluna de Poeira”. Ambos os romances tem neles uma qualidade especial de beleza poética que nenhum autor havia conseguido, até então. Evelyn era excessivamente modesta, e nunca falava de si mesmo ou de seus escritos. (Cropper, Margaret, pág.27.)

Depois dessa época, Evelyn incrementou seus planos de ingressar definitivamente na Igreja Católica. Nessa fase, ela conheceu seu grande mentor espiritual, cristão e católico romano, o barão Von Hügel. Evelyn havia lido histórias de muitos místicos, desde os da Igreja Celta, como São Columba, até santos da Cristandade Medieval, como Santa Tereza D’Ávila e São João da Cruz, entre outros e, particularmente, se encantara com um monge místico holandês, Ruysbroeck. Além disso, conhecia Santo Agostinho, especialmente através de suas “Confissões” e Juliana de Norwich, mística do século XIV, em suas “Revelações do Amor Divino”. Na medida em que lia, mais e mais, recomendava seus amigos mais diletos a lerem como ela.

Eu entendo toda essa fase anterior de Evelyn, até se definir, finalmente, pelo Cristianismo, como um caminho que o Senhor a fez percorrer, porque conhecia o nível de exigência espiritual de sua alma, e, subindo degrau por degrau, e assimilando o que de bom havia em várias correntes, até não cristãs, a jovem estava crescendo em sua fé. Quando esteve em Roma, havia sido recebida pelo papa, numa audiência particular, o que foi um momento muito especial para ela. Tudo indicava sua inclinação por Roma. (Sua adesão à Igreja Anglicana, após o seu casamento, foi o resultado de uma longa peregrinação, consciente e inconsciente, até a sua plena decisão final. E mesmo que, antes, se preocupasse profundamente com a posição anglicana do esposo, as suas tentativas de tornar-se romana eram relacionadas ao seu estágio espiritual, particular, do momento). Nessa peregrinação, a ajuda do Barão Von Hügel, seu extraordinário orientador espiritual católico-romano, ocupou um lugar importante. Também um grande místico e erudito, em sua constante

correspondência e ocasionais encontros pessoais, ele a dirigiu com mão firme, experiente e austera. Apesar de seu extremo afeto pela jovem Evelyn, ele não hesitava em corrigi-la seriamente, ao ler suas idéias nas cartas trocadas. Certa vez, chegou a classificá-la fortemente de Unitariana (forma de expressão religiosa que só valoriza a Deus, não dando importância à Trindade; portanto, o Filho e o Espírito Santo não contam para os unitarianos; Igrejas unitarianas são comuns na Inglaterra e Estados Unidos), porque sua devoção era dirigida unicamente ao Deus Pai. Ela desconsiderava a Jesus, como Deus, o mesmo com o Espírito Santo. Isto poderia ser um resquício da experiência deísta de seu pai, que a influenciara.

Von Hügel dedicou-se, então, a trabalhar com ela os mistérios da fé cristã, de um modo equilibrado entre o espiritual e o racional. Ele percebeu que, para Evelyn, apesar da sua tendência mística, o convencimento racional era um meio importante para a sua decisão final. E, para surpresa sua, quando ela se decide, como já foi dito, a decisão foi para aquilo que ela havia rejeitado, antes - o Anglicanismo. O fato é que não foi somente para agradar a Hubert que fez essa opção, mas sim porque, com a continuidade de sua vida intelectual, literária, da manutenção de vários círculos de amizade de várias linhas religiosas, finalmente, Evelyn vai se encontrar com anglicanos eruditos, que lhe dão uma nova perspectiva sobre a Igreja que, no fundo, ela não conhecia. Suas impressões anteriores eram superficiais. Assim, o trabalho de conscientização cristã plena do barão, mais a convivência com uma liderança anglicana esclarecida deu o toque para o processo final da busca de Evelyn. O interessante é que ela nunca desistiu de suas aspirações mais íntimas, e nunca abandonou, também, o desejo místico.

No momento em que sua fama começa a espalhar ainda mais, ela deixa de ser conhecida apenas como Mrs. Moore. Seu nome, Evelyn Underhill passa a ser usado em todas as circunstâncias profissionais de sua vida. Era chamada de Mrs. Moore somente no ambiente doméstico.

A partir daí, Evelyn descobre o mundo, ou o mundo anglo-saxão e europeu a descobre. Ela foi a primeira mulher a ser convidada para dar palestras na rígida e tradicional Universidade de Oxford, para o seu Corpo Docente. Também, foi a primeira mulher a falar à Câmara dos Bispos da Igreja da Inglaterra. Com isso, abriu caminhos com seu carinho, sua feminilidade, sua seriedade e competência, para o reconhecimento da potencialidade de outras mulheres. E se tornou reconhecida e com aprovação unânime.

Sua missão, como cristã, não se esgotou aí. Na vivência do "Adorar e Servir", Evelyn praticava esse binômio, principalmente proporcionando e dirigindo retiros espirituais para grupos ou para pessoas, individualmente. Pessoas de grande espiritualidade a acompanhavam nesses eventos. Mas a pedagogia de Evelyn era a da simplicidade e da comunicação fácil. Com isso,

ela se tornava acessível às pessoas. Evelyn foi envolvida, pela Igreja, no processo de revisão do Livro de Oração Comum, em 1927. Ela orou muito para que a revisão se processasse, fosse aprovada pelo parlamento, e o papel dos leigos ampliado na Igreja da Inglaterra. Mas isto não aconteceu. (A Igreja da Inglaterra é ligada ao Estado e qualquer alteração canônica geral, doutrinária ou litúrgica tem que ser aprovada pelo Parlamento Inglês). Evelyn, entristecida, no entanto sentiu que suas forças espirituais se revigoravam. Parece que chegara à conclusão de que estava na Igreja da Inglaterra porque Deus tinha uma missão para ela, nesta Igreja, mesmo sendo mulher, e não agradando a alguns bispos conservadores e, até, líderes parlamentares. Seu esposo estava sempre junto, nas horas mais difíceis, amparando-a e animando-a com seu amor. Evelyn e Herbert sempre foram um casal extremamente apaixonado um pelo outro, e o tempo não diminuiu esse amor, mas não tiveram filhos.

Não havia, na Inglaterra, lugar mais querido por Evelyn, do que Plesheys. Lá ela organizara um centro de retiros e, também, de devoção particular para ela e outras pessoas. Num desses eventos, ela refletira sobre a atração que a Igreja Católica Romana tinha para os que desejavam a espiritualidade mística, e se perguntava: por que isto acontecia? Depois de muito meditar, descobriu que esta pergunta não era necessária de ser respondida por ela, porque estava onde Deus a tinha colocado, para a sua missão. O “Acolher e Servir” era essencial, para ela, como complementação do “Adorar”. E sua missão alçava vãos maiores: começou, na BBC de Londres, programas de rádio intitulados “A Vida Espiritual!”, que depois, foram editados.

O ano de 1938 viu-a ser indicada para receber o título de Doutora em Divindade, ou Doutora em Teologia “honoris causa”, da Universidade de Aberdeen (Escócia), título que não recebeu pessoalmente, embora a Universidade houvesse adiado por um ano a entrega pessoal. Sua saúde já estava delicada, pois adquirira asma. A honra acadêmica foi, então, enviada a ela.

Um de seus amigos mais significativos foi o escritor C.S.Lewis. Os dois mantiveram correspondência importante. Outro amigo seu foi T.S.Eliot que a visitou durante a guerra, quando já estava no fim de sua vida.

Em 1940, ela escreveu seu importante livro “Abba”, tendo como base o Livro de Oração Comum. A primeira tiragem foi de 1500 livros, logo vendidos, e a segunda, a seguir, de 5000. O período de guerra, que trouxera dificuldades financeiras aos Moore, viu a extraordinária vendagem dessa obra, baseada em retiros que ela fizera em 1935, mas que, em 1939, ano que começou a Segunda Guerra, foi ampliado com interpretações pessoais sobre seus mais íntimos místicos.

Ela viveu o período das duas Guerras Mundiais. Na primeira, trabalhando como voluntária na logística, na segunda (em parte dela), como

ativista ativa e pacifista, além de possuir um devotado espírito ecumênico. Neste trabalho pela paz, seu grande líder foi o Arcebispo de Cantuária, William Temple. Infelizmente, Evelyn veio a falecer no dia 15 de junho de 1941, na idade de 65 anos. Sua vida foi cheia, plena e abençoada. Ela e o Arcebispo faleceram com pequena diferença de tempo, entre um e outro. A Igreja da Inglaterra, no auge da Segunda Guerra, perdia dois de seus mais brilhantes filhos.

Em sua vida, Evelyn escreveu muitos livros, com vários temas. Temos alguns deles em nosso Seminário, em Porto Alegre. O problema para nós, brasileiros/as, é que eles não estão traduzidos para nossa língua. Ela abordou vários temas em suas obras, desde poesias juvenis até livros de profunda espiritualidade.

**Obras de Evelyn Underhill** (conforme a Wikipedia-Google; a maioria dos títulos foi traduzidos por mim; alguns não o foram, porque uma tradução mais literal ou livre poderia não corresponder ao conceito pleno do termo, no sentido em que foi empregado - N da A.)

#### **POESIA:**

“The First Lamb’s Ballad Book” (1902).

“Imanência” (1916).

“Teofanias” (1916).

#### **ROMANCES (Novels):**

“O Mundo Cinzento” (1904).

“O Último Mundo” (1907).

“A Coluna de Poeira” (1909).

#### **RELIGIÃO (Não ficção):**

“Misticismo”: Um estudo sobre a natureza e desenvolvimento da consciência espiritual do Homem (1911) – sua obra mais conhecida (N.da A.).

“O caminho da Eterna Sabedoria – Um comentário místico sobre o Caminho da Cruz” (1912).



“Introdução” de sua edição da obra anônima “The Cloud of Unknowing”, de um manuscrito encontrado no Museu Britânico (1912).

“The Spiral Way” ( uma meditação sobre os 15 mistérios para o crescimento da alma)(1912).

“O Caminho Místico . Um estudo psicológico das origens cristãs.” (1914).

“Misticismo Prático . Um pequeno Livro para pessoas comuns.” (1914).

“Ruysbroeck” (1915).

“Introdução à canção de Kabir”, traduzida por Rabindranath Tagore. (1915). (Tagore era um famoso escritor indiano que se tornou grande amigo de Evelyn, daí o fato dela ter feito uma introdução para a tradução que o poeta indiano havia feito daquela obra, para o inglês – N. da A.)

“O essencial do Misticismo e outros ensaios”. (1920)

“A vida do Espírito e a vida de hoje”. (1920)

“Os Místicos da Igreja”. (1924)

“Concerning the Inner Life.” (1927)

“O Homem e o Sobrenatural “.Um estudo do teísmo. (1927).

“A Casa da Alma” (1929).

A Luz de Cristo. (1932).

The golden sequence. A furfold study of the spiritual life.(1935).

A Escola de caridade. Meditações sobre o Credo Cristão. (1934).

Adoração. (1936).

A vida espiritual. (1936).

O mistério do sacrifício. Um estudo sobre liturgia. (1938).

ABBA. Uma meditação sobre o Pai Nosso (1940).

Cartas de Evelyn Underhill. (1943) (publicadas após sua morte. N da A. ).

Santuários e cidades da França e Itália. (1949). (idem)

Fragments de uma vida interior. Cadernos de Evelyn Underhill. (1933). (Não tenho certeza desta data de edição; poderia muito bem ter sido editada em 1943, 2 anos após sua morte – mas foi citado como está na fonte. N da A.).

## **ANTOLOGIAS: (obras compiladas e editadas após sua morte. N da A.)**

Frutos do Espírito. (1942).

Textos selecionados escritos por Evelyn Underhill. (1946).

A Quaresma com Evelyn Underhill . (1964).

Uma Antologia sobre o Amor de Deus. (dos escritos de Evelyn Underhill). (1976).

Os Meios do Espírito. (1990).

Evelyn Underhill -Guia moderno sobre a velha questão do Sagrado. (1998).

Evelyn Underhill.Textos essenciais. (2003).

Radiances. A spiritual Memoir. (2004).

## **Estudos e comentários de outros autores:**

CROPPER, Margaret – A vida de Evelyn Underhill (1875-1941). Uma introdução a sua vida e seus escritos. (1976)

CALLAHAN, Annie – Evelyn Underhill. Espiritualidade para a vida diária.(1997)

GREENE, Dana – Evelyn Underhill. Artista da vida infinita. (1998)

## **Links externos:**

The Evelyn Underhill Association – Wikipédia, Google.

Christian Classics Etherial Library

Works of Evelyn Underhill – Project Gutenberg

Desde o ano de 2000, a Igreja da Inglaterra passou a reservar uma data especial para a lembrança de sua memória: 15 de junho. Ela também é lembrada no Calendário da Igreja Episcopal Americana, na mesma ocasião.

É uma feliz coincidência que, em 15 de junho de 1903, começasse o processo da Educação Teológica na nossa Igreja, na cidade de Rio Grande. Por isso, Evelyn foi escolhida como madrinha espiritual do SETEK. Se a Comunhão

Anglicana tivesse o hábito de beatificar pessoas, certamente Evelyn Underhill seria uma delas.

### **Referência Bibliográficas:**

Wikipedia, the free encyclopedia. UNDERHILL,EVELYN.

COOPER, Margaret. EVELYN UNDERHILL . London, New York, Toronto . Longmans, Green and Co, 1958.

SCHLESINGER e PORTO – DICIONÁRIO BÍBLICO DAS RELIGIÕES – Petrópolis, Vozes

Vera Lúcia Simões de Oliveira, 15 de junho de 2010.

professora de História da Igreja e Coordenadora Acadêmica do SETEK